

# A AFETIVIDADE COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM AGOSTINHO<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como proposta provocar uma discussão sobre uma possível pedagogia agostiniana e, principalmente, sua aplicação visando contornar problemas nos processos de ensino-aprendizagem. Apesar de Santo Agostinho não ter escrito nenhum tratado específico sobre educação, podemos perceber que fragmentos de sua obra nos direcionam a um conjunto de concepções, estratégias e conselhos que demonstram diferentes fases e percepções de ensino, de modo a tornar a instrução da doutrina cristã mais significativa e agradável. Foram analisados fragmentos da obra *Confissões e o problema da indisciplina*; *De Magistro* e a função do professor quanto ao uso das palavras; e fundamentalmente *Instruções aos Catecúmenos* e o uso do afeto como estratégia de ensino-aprendizagem, tendo o bom humor como principal fator para despertar o interesse e afeto dos educandos para superar possíveis dificuldades nos processos devido à falta de atenção, indisciplina e incompreensão da doutrina cristã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Santo Agostinho; Pedagogia; Afeto; Disciplina; Bom Humor.

## Abstract

This work aims to provoke a discussion about a possible Augustinian pedagogy and mainly its application aiming to overcome problems in the teaching-learning processes. Although Saint Augustine did not write any specific treatise on education, we can see that fragments of his work direct us to a set of conceptions, strategies and advice that demonstrate different phases and perceptions of teaching in order to make the instruction of Christian doctrine more meaningful. is nice. Were analyzed fragments of the work *Confessions and the problem of indiscipline*; *De Magistro* and the role of the teacher regarding the use of words; and fundamentally *Instructions to Catechumens* and the use of affection as a teaching-learning strategy, with good humor as the main factor in arousing students' interest and overcoming

---

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido sob a orientação do(a) Prof. Dr. Pedro Leite Júnior e apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas.

possible difficulties in the processes due to lack of attention, indiscipline and misunderstanding of Christian doctrine.

**KEYWORDS:** Saint Augustine; Pedagogy Affection; Discipline; Goode Mood.

## 1. INTRODUÇÃO

Como ensinar de modo a preparar o educando a sentir o prazer pelos estudos? Essa é uma pergunta que, acredito, ter sido feita por inúmeros professores e pensadores da educação em diferentes tempos. É justo dizer que tornar o ensino algo atrativo e significativo sem perder o sentido de ensinar é um problema bastante comum. Se observarmos a história da educação, perceberemos que diferentes estratégias, fórmulas e recursos foram criados, pensados e discutidos com o propósito de desenvolver o potencial humano nas diferentes dinâmicas e contextos de cada época. Atualmente, além de buscar esse desenvolvimento cognitivo, existe uma outra preocupação de como despertar o interesse do jovem pelo gosto da aprendizagem, respeitando as individualidades de cada sujeito. É essa questão que nos colocaremos a refletir: quais meios, recursos e estratégias pedagógicas seriam indispensáveis para o sucesso e qualidade do ensino e da aprendizagem? Como tornar o ensino prazeroso e, ao mesmo tempo, não perder a criticidade? Nesse sentido, iremos analisar um pensador medieval, qual seja Santo Agostinho, que foi um importante filósofo, teólogo e bispo de Hipona, o qual, por sua contribuição ao pensamento cristão, dispensa maiores apresentações. Entretanto, Agostinho também foi educador, isso antes de sua conversão ao cristianismo. Mesmo não escrevendo nenhum tratado especificamente sobre educação, é justo dizer que existe uma pedagogia agostiniana implícita em toda a sua obra filosófica, em especial as obras *Confissões*, *De Magistro* e *Instrução aos Catecúmenos*.

Mas por que se valer de Santo Agostinho, um bispo medieval? Qual a relevância ou contribuição que esse pensador pode trazer para professores e pesquisadores da educação da contemporaneidade? Obviamente que, antes de mais nada, devemos fazer uma distinção e nos situarmos no tempo e propósitos da educação cristã da sua época. Agostinho pensava na educação de jovens e adultos no sentido de uma formação cristã, isto é, na transformação do homem pagão, materialista e tipicamente romano, para o homem cristão, divinizado. Ao mesmo tempo, ele tinha consciência das dificuldades dessa empreitada. Por isso, tinha que viabilizar ou facilitar o caminhar para que essa transformação pudesse de fato ocorrer, na medida em que acreditava que o ser humano, por si só, não domina a sua vontade, possuindo uma inclinação para o erro, necessitando, portanto, de ajuda. Criar estratégias para ajudar nesta tarefa se fazia necessária. Além disso, o bispo de Hipona também sabia por experiência

o quão difícil é a tarefa de tornar conteúdos complexos de modo a se tornar atrativo e crítico aos jovens<sup>2</sup>.

Nesse sentido, podemos dizer que Santo Agostinho foi o primeiro pensador a se colocar a refletir sobre como tornar o ensino mais atrativo, mais significativo e, ao mesmo tempo, atraente para todos. Um problema que é bastante pertinente e atual. Dessa necessidade, buscou desenvolver estratégias que aparecem nas obras *De Magistro* (e.g. a função do professor) e *Instrução aos Catecúmenos* (isto é, o modo de instruir sem ser enfadonho).

Apesar de ser um pensador cristão medieval, Agostinho buscou respostas para suas dificuldades a partir da reflexão sobre a psicologia humana, transformando suas deduções em uma metodologia baseada na falibilidade humana. Ao se perguntar sobre as motivações humanas, o filósofo reflete sobre como aprendemos e como devemos ensinar para evitar possíveis dificuldades como a indisciplina, a incompreensão e o desinteresse pelos estudos. Sua didática é o uso do afeto como principal recurso de ensino. Porém, isso só será possível a partir de uma concepção que dê importância à função do professor, ao domínio do uso da palavra e à disciplina – este último conceito sendo entendido, aqui, como reconhecimento dos deveres acadêmicos do estudante, e não apenas como poder disciplinar.

Para tentarmos entender como Agostinho chegou a essas conclusões, iremos analisar fragmentos das obras *Confissões*, nos quais o filósofo relata as principais dificuldades do ensinar que ele próprio experienciou como aluno ou como educador.

Na *De Magistro*, discute sobre a função do professor, a importância da comunicação e do domínio daquilo que se discutirá, de modo a inspirar a reflexão de seus educandos. Além disso, a disciplina como disposição para o aprender. E, principalmente, a obra *Instrução aos Catecúmenos*, com a sua preocupação em tornar o ensino das Escrituras algo atrativo e, ao mesmo tempo, significativo, destacando a atuação do professor como fundamental nesse processo por meio do afeto, mesclando, pois, alegria para evitar o tédio e possíveis distrações e arrependimentos. Sendo assim, podemos dizer que as suas reflexões também teriam uma aplicação atual, qual seja a de que todo educador deve ter uma percepção sobre os seus alunos, ou seja, estar atento com quem trabalhará, tentando entender os jovens, identificando aquilo que os motiva e os afasta dos estudos. Ademais, o uso dos afetos é um recurso metodológico de grande valia no processo de ensino-aprendizagem. Aliás, no que tange ao desenvolvimento humano, a importância dessa utilização dos afetos foi discutida e

---

<sup>2</sup> Na obra *Confissões*, Agostinho tem vários relatos referente ao descaso de seus alunos, sendo indisciplinados e comparecendo às aulas somente por mera obrigação social.

demonstrada recentemente por Vygotsky e Wallon, segundo os quais o afetivo e o cognitivo são partes fundamentais da própria psique humana, uma vez que o homem não é um ser unicamente cognitivo, senão também emotivo. Em relação a isso, Edgar Morin também é enfático: “De certa maneira, a capacidade de emoções é indispensável ao estabelecimento de comportamentos racionais”<sup>3</sup>. O que nos leva a perceber a eficácia do uso desse recurso metodológico nos processos educacionais ainda hoje.

Como nos diz Kochhann<sup>4</sup>, as emoções e os sentimentos são a base para nosso comportamento e é a partir deles que pensamos e tomamos decisões em nossas vidas. Por isso, devemos considerar o educando como um ser em sua totalidade, e não como fragmentos. Isso tudo levou este trabalho a discutir o quanto as reflexões agostinianas podem contribuir para o sucesso dos próprios processos de ensino contemporâneos, para além do contexto pedagógico medieval.

## 2. A PEDAGOGIA DE AGOSTINHO

Como mencionado anteriormente, não podemos dizer que Agostinho tenha escrito um tratado pedagógico, porém é muito justo dizer que partes dos seus escritos tenham implicitamente uma proposta de ensino, trazendo elementos que possam nos dar pistas de como Agostinho pensava o trabalho pedagógico, partindo da postura de seus estudantes a estratégias para auxiliar no ensino e na função de educador. Exemplo disso são os relatos da vida em Cassiciaco, de uma vida de contemplação (*theoría*) e esforços acadêmicos para a plenitude de uma postura adequada, calma e livre de aflições. Os únicos trabalhos seriam a reflexão e as discussões daquilo que se propõe tratar. Entretanto, o bispo de Hipona tinha total consciência das possíveis distrações e falhas em qualquer processo. A reprovação de antigas posturas suas aparece nos livros I e II de *Confissões*:

Que coisa houve mais corrupta aos vossos olhos do que eu? Até desagradava a esses homens, ao enganar com inumeráveis mentiras o pedagogo, mestres e pais, por amor aos jogos, gosto de espetáculos frívolos e ardor inquieto de os imitar<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho - - 2. ed. - São Paulo: Cortez, Brasília, 2000. p. 21.

<sup>4</sup> KOCHHANN, Andréa. *A Afetividade no Processo Ensino-Aprendizagem na Perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon*. IV Semana de Integração: XIII Semana de Letras, XV Semana de Pedagogia e I Simpósio de Pesquisa e Extensão (SIMPEX). UEG – Câmpus Inhumas: 8 a 13 de junho de 2015, p. 524.

<sup>5</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 59.

Em outras passagens da mesma obra, ao relatar algumas experiências como educador, também podemos perceber a sua frustração devido às dificuldades de ensinar, principalmente pela indisciplina de seus educandos que, na concepção de Agostinho, somente frequentavam as escolas por mera obrigação social:

O motivo principal, e quase único de minha partida para Roma, assentava em eu ouvir dizer que os rapazes estudavam aí mais sossegadamente, refreados por mais regrada disciplina. Não invadiam desordenada e imprudentemente a escola de ouro que não tinham como professor, nem eram admitidos sem sua licença. Em Cartago, pelo contrário, a liberdade dos estudantes é vergonhosa e destemperada. Precipitam-se cinicamente pelas escolas adentro e com atitude quase furiosa perturbam a ordem que o professor estabeleceu como necessária ao adiantamento dos alunos. Com uma insolência incrível, cometem mil impropérios<sup>6</sup>.

Podemos dizer que, atualmente, a indisciplina também é um problema corriqueiro em sala de aula devido ao mau uso da liberdade, analogamente ao que relatou Agostinho. Estudos indicam várias possibilidades e fatores das causas da indisciplina escolar. Porém, existem estudos que apontam que a escola perdeu um pouco da sua essência, não só por deixar de ser um ambiente unicamente de ensino formal, mas também por estar assumindo um outro papel – o ensino informal, o qual parece demandar mais tempo e dedicação por parte dos educadores, que muitas vezes chegam nas escolas preparados para domínio de conteúdos, embora despreparados para o aspecto informal, o que gera, obviamente, desconforto e dificuldades<sup>7</sup>.

Entretanto, refletindo sobre o que Agostinho nos diz, podemos deduzir que é comum dificuldades com indisciplina. Uma estratégia interessante, e que também pode ser bastante eficaz, não obstante onerosa, é despertar o interesse dos educandos por meio da afetividade. Segundo Wallon, o afeto é base para todo o processo educacional, ou seja, a falta de vínculos positivos pode criar barreiras que podem dificultar o processo de ensino<sup>8</sup>. Para pesquisadores do tema, uma das formas de se amenizar a indisciplina em sala de aula é tornar o trabalho pedagógico mais atrativo para os alunos, de modo a romper com o tradicionalismo, adotando assim novas práticas e posturas que empreguem a afetividade no processo educativo.

Converter a sala de aula em um ambiente harmonioso, com conteúdos voltados para as emoções, é o mesmo que organizar todo o processo de ensino, todavia, de uma forma natural, edificando tanto no educador quanto no educando uma consciência de seu papel, de sua

---

<sup>6</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p.132.

<sup>7</sup> BIESDORF, Rosane, Kloh. *O Papel da Educação Formal e Informal: Educação na Escola e na Sociedade*. Itinerários Reflectiones, pp. 11-48.

<sup>8</sup> LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta K. de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: Teorias Psicogenéticas em Discussão. 21. ed. São Paulo: Summus, 1992. p.34.

função, de seus direitos e deveres dentro da escola, contribuindo assim para uma formação psíquica e moral sólida<sup>9</sup>.

Com a intenção de ajudar um diácono (*Deogratias*) a evitar o tédio e possíveis dificuldades com os catecúmenos, Agostinho escreve conselhos com instruções específicas sobre como conduzir suas lições. Entre essas instruções, o filósofo se utiliza da afetividade como forma de despertar o interesse dos postulantes cristãos, proporcionando, pois, uma postura adequada. Na concepção agostiniana, não há como desvincular o aprendizado da disciplina. Porém, é necessário se fazer um esclarecimento sobre o conceito de disciplina em Agostinho. Podemos entender o conceito de disciplina não só no sentido de obediência a uma autoridade externa, mas também como sendo o reconhecimento interior dos deveres de estudante. Portanto, em Agostinho, a disciplina se refere principalmente à importância de o aluno reconhecer, voluntariamente, o dever de estudar<sup>10</sup>. A educação agostiniana visava o aprimoramento humano dentro das necessidades de seu tempo, qual seja uma educação formal cristã que contemplasse simultaneamente a crítica e a reflexão filosófica, ambas direcionadas à obtenção da autonomia<sup>11</sup>. O que nos leva a pensar o conceito de disciplina em um duplo sentido: tanto ordenação e comportamento como maturidade intelectual e espiritual. A disciplina seria, então, a capacidade de direcionar a atenção ao que realmente importa, havendo com ela um autocontrole das paixões. Em Cassiciaco, no diálogo *De Ordine*, esse objetivo fica bastante claro, pois Agostinho advogou nada menos do que um programa de aprimoramento intelectual, partindo da filosofia, perpassando os textos de São Paulo e culminando em inúmeras discussões teológicas. Sendo assim, o primeiro requisito desse programa era nada menos do que a disciplina:

O maior erro dos homens é não conhecer a si mesmo. Mas, para se conhecer, ele precisa de um ótimo modo de viver para afastar-se dos sentidos, refletir em si mesmo e manter-se em si mesmo. Alcançam isto somente aqueles que cauterizam pelo retiro certas feridas de opiniões que o curso da vida cotidiana lhes inflige ou as medicam pelas artes liberais<sup>12</sup>.

Para ter consciência da importância de seus estudos para responder a indagações metafísicas e contemplar a Deus, a mente precisava receber uma formação adequada, pois

---

<sup>9</sup>BATISTA, Viviane da Silva. *Afetividade: grande aliada da escola no combate à indisciplina*. 2012. 54. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do

Paraná, Medianeira, 2012. p. 46.

<sup>10</sup> PEREIRA MELO, J. J. *Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino*. Simpósio de Educação em Santo Agostinho. Maringá: mimeo, 2009. p. 421.

<sup>11</sup> Segundo Peter Brown, essa passagem é uma das pouquíssimas citações das Escrituras usadas nos primeiros trabalhos de Agostinho, mas também era uma citação profunda bastante utilizada pelos Maniqueus.

<sup>12</sup> AGOSTINHO. *De Magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.p. 98.

uma alma bem formada manejaria, confiantemente, os problemas para alcançar a verdade.<sup>13</sup> Conforme Peinado, a interpretação das Escrituras era um exercício intelectual, pois o referido texto obedecia às normas do conhecimento, as quais poderiam ser ensinadas e aprendidas.

Desse modo, o trabalho de dedicação aos estudos também beneficiaria a outros, pois aquele que aprendia poderia ensinar.<sup>14</sup> Além disso, conhecendo as normas, o cristão poderia interpretar as Escrituras por si mesmo (ou seja, ter autonomia). Sendo assim, uma das preocupações do pensador de Hipona era justamente quais estratégias adotar para viabilizar essa postura, isto é, como inspirar para que essa postura também fosse um processo natural para se construir conhecimentos. É no diálogo *De Magistro* que Agostinho se propõe a refletir acerca do ensinar e do aprender e sobre a ideia do professor como um mediador que guia encorajando e estimulando os educandos a perceberem a importância para a interioridade, a autonomia e a dedicação como partes de um plano intelectual e espiritual.

### 3. A FUNÇÃO DO EDUCADOR

Dentro de sua concepção pedagógica, em sua obra *De Magistro*, Agostinho se propôs a discutir sobre o verdadeiro sentido de ensinar a partir do significado das palavras, pois é pela linguagem que nos comunicamos e empregamos sentido às palavras<sup>15</sup>. O ensino em sua época talvez fosse pouco visual, embora tenhamos certeza de que era expositivo, tendo em vista a predominância do diálogo, seguindo, portanto, uma linha dialética de ensino. Algo que requereria muita atenção dos ouvintes. Nessa concepção, a linguagem é a principal forma de transmissão do conhecimento. Por meio dela, o ensino se efetivaria entre indivíduos e se difundiria na sociedade. Aquele que ensina deve ter o domínio da palavra para utilizá-la, tendo em vista a finalidade básica da linguagem, pois ensinar pressupõe o uso da palavra com conhecimento do seu significado. Portanto, o verdadeiro sentido do ensinar seria inspirar para que o educando se deixe conduzir, indo para além das palavras, examinando por si o que lhe foi passado e refletindo sobre aquilo que busca conhecer.

Para Mello, no contexto agostiniano, os professores instigavam seus ouvintes a buscarem o conhecimento por conta própria, ou seja, por meio da fala propriamente dita o educando buscava por si uma “suposta” verdade, algo que acontecia em um processo

---

<sup>13</sup> *De Ordine*, Livro II, XIX, p. 50.

<sup>14</sup> PEINADO, Maria Rita. *Proposta de Educação Cristã e Estratégias de Ensino em Santo Agostinho*. Ed. Scienza, São Carlos, 2018. p.16.

<sup>15</sup> Ao se referir a linguagem, Agostinho estabelecerá a via de compreensão de Deus, o Verbo encarnado, ou seja, é pela compreensão por via das Escrituras que temos acesso e aproximação de Deus, portanto, ter compreensão do que está escrito é fundamental para a doutrina e vida cristã.

reflexivo que podemos entender como uma discussão dialética – perguntas e respostas até chegarem a um consenso sobre o que estava sendo investigado<sup>16</sup>. Assim, para o bom funcionamento desse processo, o professor deve ter total domínio daquilo que se buscava discutir, de modo que devia utilizar diversos recursos de linguagem: metáforas, alegorias, comparações, diálogos, questionamentos e respostas didaticamente organizados, isso na medida em que o professor articularia os dois conhecimentos, os da ciência e as verdades divinas, levando os educandos a entenderem conceitos abstratos ou assuntos espirituais<sup>17</sup>. Essa era a função do professor na visão de Agostinho: preparar o seu educando para trilhar por conta própria o seu itinerário intelectual e espiritual, apontando caminhos possíveis, isto é, ao professor cabia a missão de provocar o aluno utilizando estratégias didáticas que facilitem aos educandos a compreensão do sentido das palavras. Além disso, para Agostinho, o professor tinha de criar situações que gerassem uma investigação reflexiva.

#### **4. O USO DA AFETIVIDADE COMO RECURSO PEDAGÓGICO**

A didática agostiniana se encontra na obra *Instrução aos Catecúmenos*, que tinha como objetivo contornar possíveis dificuldades nos processos de ensino-aprendizagens das catequeses, o que poderia levar a posturas inadequadas, incompreensão ou desinteresses por parte dos catecúmenos. Nesse sentido, o texto surge a pedido de Deogratias, uma vez que este dizia perceber que seus ouvintes se entediavam, quando não ele próprio. Por isso, solicita que Santo Agostinho lhe diga que recursos utilizar para evitar esse problema<sup>18</sup>.

A obra é dividida em três partes: como conduzir a narração, a arte e os preceitos para realizar a exortação e, por último, os meios de conquistar o afeto dos ouvintes pela alegria e bom humor<sup>19</sup>. Logo de início, Agostinho revela que a chave para o sucesso da prática catequética é a utilização da alegria como estratégia para despertar o interesse dos ouvintes, pois, segundo Agostinho, é mais prazeroso escutar alguém que se dispõe a falar de modo alegre e bem-humorado que alguém triste ou apático.

---

<sup>16</sup> PEREIRA MELO, J. J. *Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino*. Simpósio de Educação em Santo Agostinho. Maringá: mimeo, 2009. p. 430.

<sup>17</sup> PEINADO, Maria Rita. *Proposta de Educação Cristã e Estratégias de Ensino em Santo Agostinho*. Ed. Scienza, São Carlos, 2018. Pág. 430.

<sup>18</sup> MEDEIROS, Márcia Maria. *A instrução pelo riso em Santo Agostinho*. Maringá, v. 32, n. 2, p. 185-191, 2010. ctascieduc. v 32i2.10429. p.187.

<sup>19</sup> Idem p. 187.

Sem dúvida alguma, somos ouvidos com maior prazer quando também nos recriamos em nossa própria alegria e fluímos com maior facilidade e persuasão [...]. De qualquer forma, o que sempre devemos cuidar acima de tudo é ver quais meios devem ser usados para que o catequista faça o seu trabalho sempre com alegria<sup>20</sup>.

Para Medeiros, o que Agostinho se refere ao exortar o uso da alegria e bom humor nas suas práticas catequéticas é o uso do riso para chamar a atenção dos ouvintes de modo transparecer a satisfação e boa vontade por estar fazendo algo de suma importância. É pela alegria por meio do riso que se conquistará a simpatia e o afeto de todos, pois o riso, como ferramenta para ações práticas em torno de vários assuntos, inclusive pedagógicos, possui uma lógica de fundamental importância no que tange ao funcionamento das práticas sociais e culturais de um determinado grupo e contexto<sup>21</sup>. Um outro conselho de Agostinho oferece a Deogratias é que o educador deve ter um completo domínio e segurança sobre o que falar e como falar, mesmo que deva simplificar ao máximo o seu discurso com o intuito de ser compreendido por todos ou, então, para não se tornar repetitivo nas explicações. Além disso, deve observar atentamente a reação dos ouvintes, buscando perceber o seu estado de ânimo:

Diremos alguma frase temperada com honesta alegria e adequada ao assunto de que tratamos. Algo maravilhoso e estupendo [...] ou aflitivo e lastimável [...]. Algo que diga respeito a ele mesmo para que, picado pelo próprio interesse, desperte. Cuidaremos, entretanto, de não lhe ofender a modéstia com qualquer aspereza, mas atraí-lo com familiaridade<sup>22</sup>.

Nesse sentido, a ideia é a formação de vínculos para a construção do conhecimento a partir de estímulos entre o educador e os educandos, tendo a oportunidade de ambos interagirem por meio de perguntas e respostas, objeções ou contribuições que podem dar uma outra dinâmica ao processo (por exemplo, um vínculo de confiança).

Conforme Kochhann, o ambiente é determinante para estimular e desenvolver situações de aprendizagens. Na perspectiva da teoria vygotskyana, os fatores ambientais são construídos a partir da relação entre os indivíduos, tendo nas emoções mediadas formas de organizar comportamentos que estimulam outras práticas essenciais, por exemplo, interagir e exercitar o pensamento de modo a se sentir confiante para contribuir nas aulas. Portanto, cabe ao professor desenvolver maneiras de estimular, de forma afetiva, suas aulas, pois assim os

---

<sup>20</sup> AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. p.453.

<sup>21</sup> MEDEIROS, Márcia Maria. *A instrução pelo riso em Santo Agostinho*. Maringá, v. 32, n. 2, p. 185-191, 2010. ctascieduc.v32i2.10429. p.188.

<sup>22</sup> AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. p.489.

conteúdos serão facilmente assimilados por estarem carregados de emoção, evitando, pois, bloqueios afetivos e cognitivos<sup>23</sup>.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante explanação apresentada neste trabalho, fica evidente que existem pressupostos teóricos que afirmam a possibilidade de uma pedagogia agostiniana, sobretudo a partir da concepção de que, para ser pedagógico, o objeto de análise é o próprio ensino (o *como* fazer e *para que* fazer). Nesse sentido, buscamos demonstrar que dentro do próprio pensamento filosófico e teológico de Santo Agostinho há fragmentos que remontam a um pequeno conjunto de estratégias e princípios que visam contornar ou, então, evitar problemas corriqueiros em sala de aula, isto principalmente na sua obra *Instrução aos Catecúmenos*.

Apesar de Santo Agostinho ter direcionado todo o seu trabalho com o objetivo de ensinar a doutrina cristã (catequizar) e que mais tarde seu pensamento tenha influenciado a Patrística, sendo que a própria catequese medieval como modelo tem mais pontos negativos que positivos, no que tange à possibilidade de uma aplicação desta metodologia nos dias de hoje, poder-se-ia afirmar que a sua percepção psicológica sobre as motivações humanas e possíveis falibilidades nos processos educacionais ainda é relevante para a reflexão das práticas de ensino atual, uma vez que converge com as conclusões de alguns pesquisadores contemporâneos da educação.

Embora existam inúmeros recursos e estratégias atuais para a prática do ensinar, não temos dúvida que o ensinar pelo afeto e alegria sugeridos por Agostinho ultrapassa a proposta tradicional de ensino formal, uma vez que agrega valores morais e afetivos no processo pedagógico. Portanto, essa estratégia é recomendável por agir de modo a despertar o interesse do educando, contribuindo para a formar uma postura adequada tanto no sentido de obediência como de autonomia por parte do estudante mediante as demandas escolares. Também como pudemos perceber é uma forma de se evitar a indisciplina escolar justamente por despertar o interesse dos estudantes, motivando-os a participarem das aulas. Nesse processo, o professor é a figura central por ser o mediador entre o ensino e o aluno, logo a prática pedagógica deve ser focada nas necessidades dos educandos. Para que isso ocorra de modo natural, aquele que ensina deve ter domínio sobre aquilo que se propõe a discutir e refletir com seus educandos de modo também assimilar e trazer diferentes elementos que

---

<sup>23</sup> KOCHHANN, Andréa. *A Afetividade no Processo Ensino-Aprendizagem na Perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon*. IV Semana de Integração: XIII Semana de Letras, XV Semana de Pedagogia e I Simpósio de Pesquisa e Extensão (SIMPEX). UEG – Câmpus Inhumas: 8 a 13 de junho de 2015, p. 529.

possam auxiliar na compreensão e construção de conhecimentos. Portanto, o verdadeiro sentido do ensinar seria inspirar para que o educando se deixe conduzir, indo para além das palavras, examinando por si o que lhe foi passado e, conseqüentemente, refletindo sobre aquilo que busca conhecer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2008. (Coleção A obra-prima de cada autor).

AGOSTINHO. *De Magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. – 2º ed. São Paulo: editora Paulus, 2010.

BROWN, Peter. *Santo Agostinho, uma biografia*; Trad. Vera Ribeiro. – 7º ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

CAPORALINI, José Beluci. *Reflexões sobre o essencial de Santo Agostinho*. Maringá: Clichetec, 2007.

PEREIRA MELO, J. J. *Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino*. Simpósio e Educação em Santo Agostinho. Maringá: mimeo, 2009.

PEINADO, Maria Rita. *Proposta de Educação Cristã e Estratégias de Ensino em Santo Agostinho*. Ed. Scienza, São Carlos, 2018.

MEDEIROS, Márcia Maria. *A instrução pelo riso em Santo Agostinho*. Maringá, v. 32, n. 2, p. 185-191, 2010. ctascieduc. v32i2.10429.

BATISTA, Viviane da Silva. *Afetividade: grande aliada da escola no combate à indisciplina*. 2012. 54. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta K. de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão*. 21. ed. São Paulo: Summus, 1992.

KOCHHANN, Andréa. *A Afetividade no Processo Ensino-Aprendizagem na Perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon*. IV Semana de Integração: XIII Semana de Letras, XV Semana de Pedagogia e I Simpósio de Pesquisa e Extensão (SIMPEX). UEG – Câmpus Inhumas: 8 a 13 de junho de 2015.

BATISTA, Viviane da Silva. *Afetividade: grande aliada da escola no combate à indisciplina*. 2012. 54. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

REVISTA NOVA ESCOLA: *A Educação de Santo Agostinho*. Vol 2 ed. especial, 2010.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Guia de Acentuação e Pontuação em Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2018.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. Ver. Ampl. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.